

REPORTAGEM ESPECIAL

Mão de obra qualificada e tecnologia podem mitigar perdas no campo

» Recursos humanos e inovação ganham ainda mais importância em épocas de crise

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

A tragédia climática que atingiu 471 municípios do Rio Grande do Sul nos meses de abril e maio ceifou centenas de vidas, desabrigou milhares de pessoas e deixou um cenário de destruição e terra arrasada em muitos lugares. No campo, houve perdas nas lavouras e na criação pecuária de diferentes espécies, destruindo plantações inteiras e matando milhares de animais. Conforme dados da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), os prejuízos no meio rural somam mais de R\$ 3,4 bilhões, dos quais cerca de R\$ 3,1 bilhões se referem à agricultura e R\$ 272,4 milhões à pecuária. Dados da Emater, coletados entre 30 de abril e 24 de maio, apontam ainda que foram mais de 206 mil propriedades rurais afetadas, com perdas na produção e na infraestrutura, e 34,5 mil famílias ficaram sem acesso à água potável.

Diante desse cenário, serão urgentes medidas que incrementem o uso de tecnologias de ponta a campo que deem celeridade ao processo de recuperação, especialmente para as lavouras, já que o atraso na colheita da soja prejudicará a implantação das culturas de inverno, especialmente do trigo. No entanto, o uso de ferramentas da chamada agricultura 5.0 esbarra em um problema histórico: a falta de mão de obra qualificada para operar os recursos, sejam eles referentes ao uso de tratores e colheitadeiras automatizados, passando por aplicativos e softwares de gestão e previsão do tempo, ou ferramentas que incluem Big Data, Internet das Coisas e Inteligência Artificial.

O diretor do Núcleo de Engenharia Organizacional (NEO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEO/Ufrgs), professor Alejandro Frank, afirma que a tragédia traz muitos aprendizados sobre a importância do uso de recursos de informação digital para acelerar a tomada de decisões



FREEPIK/DIVULGAÇÃO/JC

Cenários como o que o Rio Grande do Sul atravessa precisam do uso de soluções de ponta para atenuar prejuízos

frente a situações de risco, especialmente num cenário em que a tendência é de que ocorram com mais frequência.

“É extremamente importante que a gente utilize informações em tempo real de acompanhamento dos fenômenos climáticos, com a disseminação rápida de informações, como no caso de uso aplicativos e, principalmente, com ferramentas de Inteligência Artificial para previsão futura”, afirma



É preciso pessoal especializado para lidar com ferramentas que incluem Inteligência Artificial e Internet das Coisas

Frank. Por outro lado, a mão de obra está numa situação bem crítica, pois precisa ser muito especializada, o que demanda uma qualificação com muito conteúdo digital e tecnológico, o que muitos cursos formadores de trabalhadores do agro não possuem.

“Vamos precisar realmente reforçar esses cursos, orientados para efeitos climáticos, que tenham mais formação de agricultura, mas que olhem também para efeitos climáticos e uso de tecnologias para a mitigação e para tomada de decisão e planejamento frente às catástrofes”, acrescenta Frank.

O professor coordenou uma pesquisa realizada pelo NEO/Ufrgs, em parceria com a Agência Alemã de Cooperação Internacional (GIZ) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e prospectou que, entre 2021 e 2023, as oito novas carreiras ligadas ao agronegócio gerariam cerca de 178,8 mil oportunidades de trabalho, com apenas 32,5 mil profissionais qualificados para preenchê-las, ou seja, uma defasagem de

82%.

“E essa tendência vem se confirmando até hoje, com base nas informações qualitativas do que a gente ouve no mercado. O gap de falta de profissionais só aumenta, com instituições que nem eram voltadas para o agro, como o Senai, que vem olhando muito mais para o setor para a parte de tecnologia industrial, fazendo vários investimentos, justamente por essa necessidade de maior qualificação”, afirma o responsável pelo estudo.

O trabalho intitulado “Profissões Emergentes na Era Digital” aponta que as novas profissões que estão ganhando destaque na agricultura são técnico em agricultura digital, técnico em agronegócio digital, engenheiro agrônomo digital, operador de drones, agricultor urbano, engenheiro de automação agrícola, cientista de dados agrícola e designer de máquinas agrícolas.

Dessas, três têm demanda altíssima, pois já possuem base existente, como técnico em agricultura digital, técnico em agronegócio di-

gital e engenheiro agrônomo digital. “São profissões com uma base de brownfield, ou seja, são atividades já existentes que passam por um processo de remodelagem para se tornarem digitais”, diz Frank. A pesquisa demonstrou ainda que existe um grande distanciamento entre a formação acadêmica e a necessidade no campo de forma geral, devido à grande velocidade de evolução das tecnologias digitais. “Um entrevistado afirmou que, antes, quem não desejava estudar ficava trabalhando no campo, mas hoje isto se inverteu: somente quem estuda, consegue ficar”, completa o pesquisador.

Segundo o superintendente do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar/RS), Eduardo Condorelli, a boa notícia é que, além da enorme oferta de vagas, os salários também costumam ser altos, em alguns casos ultrapassando os R\$ 10 mil.

“Um funcionário qualificado, que fez alguma formação técnica não ganha menos do que R\$ 2,5 mil por mês. Se for para operar máquinas com alta tecnologia embarcada, o que não é muito diferente do que operar um celular, pode oscilar entre R\$ 5 mil e R\$ 6 mil. Se tiver nível superior pode ultrapassar os R\$10 mil”, destaca o superintendente do Senar.

O empreendedor Endeavor, especialista em startups do agronegócio (Agtechs), Maurício Schneider, polemiza e diz que o problema não é apenas a falta de mão de obra, mas a necessidade de o produtor gaúcho olhar o mundo de uma maneira diferente.

“O agricultor gaúcho vai ficar bravo, mas ele está muito atrás do resto do País. Na prática, tem gente produzindo de uma forma muito mais eficiente em outros lugares do Brasil, com melhor relação entre produtividade e custo. Não é quem produz mais e gasta um monte de dinheiro. O que vai fazer o agricultor continuar operando e vai resolver o problema do mundo é produzir com mais eficiência”, afirma o especialista.